

OS SONHOS DE AILTON KRENAK E AS ECONOMIAS DOS BENS COMUNS

ANDREI THOMAZ OSS-EMER¹; MANOEL LUÍS CARDOSO VASCONCELLOS²

¹ Instituto de Filosofia Sociologia e Política UFPEL – andrei.thomazoss@gmail.com

² Instituto de Filosofia Sociologia e Política UFPEL – vasconcellosmanoel@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto fundamenta-se nas leituras de autores contra-coloniais e nos diálogos que temos estabelecido entre pares, especialmente desde a relação do segundo capítulo de *A vida não é útil*, de Ailton Krenak, intitulado *Sonhos para adiar o fim do mundo*, com o pensamento de autores interessados na relação entre os sonhos, parte do imagético de muitas culturas, inclusive de sua relação com a ancestralidade, e os deveres para com a preservação dos ecossistemas da terra, tendo em vista o bem viver de todas as pessoas.

A relação entre os sonhos e a superação dos danos irreparáveis aos territórios, encontra-se a partir da atenção das pessoas à sua própria ancestralidade, ou seja, às relações de parentesco e consanguinidade que inevitavelmente ligam as pessoas em um território. Conhecer, reconhecer, perdoar, assumir, ressignificar, dentre outras atitudes existenciais em relação às próprias ancestralidades e às ancestralidades das outras pessoas favorecem o entrelaçamento de sonhos em comum, ou seja de horizontes imagéticos a partir dos quais se torna possível a construção da solidariedade organizada e frutuosa entre as comunidades, a partir de mutirões permanentes de cuidado com a vida.

Os desafios para a reconstrução das comunidades impactadas seja por projetos colonizadores, seja pelos danos das mudanças climáticas, por conflitos, ou outras formas de opressão ainda vigentes, como os refugiados de guerra é recuperar os sonhos possíveis para adiar o que povoa o imaginário ocidental: “o fim do mundo” (Krenak, p. 31).

2. METODOLOGIA

A exegese dos textos do autor recentemente nomeado membro da Academia Brasileira de Letras, requer o acompanhamento de uma hermenêutica que relacione os temas tratados pelo mesmo às discussões que se tem estabelecido a partir dos estudos contra-coloniais que relacionam os saberes produzidos por outros autores do *sul global*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando são uniformizados os modos de vida e impedidas as pessoas de sonharem seus próprios mundos possíveis, provoca-se o epistemicídio de sonhos e saberes, de relações interpessoais e de uma sustentação intersubjetiva, seja do imaginário futuro, seja do imaginário ancestral de determinada comunidade. Sem cair no paroquialismo que tende a dizer que cada um tem razão dentro de sua própria comunidade moral, os sonhos, desde a perspectiva de Krenak, são a capacidade de imaginar outras realidades diferentes e melhores das que estão sendo apresentadas até então.

Desde uma perspectiva fenomenológica, são a capacidade de perceber, partilhar e assumir coletivamente novos arranjos sociais e novas relações entre as pessoas, porque o sonho desde uma perspectiva comunitária, precisa ser partilhado, e conseqüentemente entendido de modo familiar e comunitário. Não trata-se de uma *utopia*, porque existem nas diversas formas de vida familiar e camponesa, caminhos já trilhados de cuidado com os bens comuns, produção, partilha e compartilhamento de alimentos, saberes e cuidados, nas comunidades, conforme experiências narradas nos referenciais bibliográfico

4. CONCLUSÕES

É possível afirmar que novas economias civis são possíveis a partir de relações que participam da incompletude humana, mas buscam livrar-se do fardo que a humanidade deixa com sua pegada ecológica. Vivemos no limiar da crise, ou seja na atitude de desesperar-se com os possíveis finais de mundos, como os que acontecem através das necropolíticas (Mbembe, 2020), seja por encarar as crises como oportunidades para mudanças ainda mais radicais, a reafirmação de identidades vividas, compartilhadas no que tange o cuidado com a vida na Terra.

Para uma teoria das virtudes civis, escopo de nossas investigações, é importante, valorativamente, reconhecer que existem elementos econômicos nos modos de vida que concretizam economias dos bens comuns, como no caso das comunidades indígenas do sul global, em seus caminhos de opressão e libertação. Nesse sentido, têm-se sintetizado, com Acosta (2016), Boff (2022), Brasileiro (2023), e outros autores que reúnem uma série de argumentos confluentes com o conceito de *bem viver*, como realização daqueles sonhos em comum das ancestralidades, especialmente vividas através novas formas de entrelaçar economias, ou seja, através do cuidado com os *bens comuns*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BOFF, L. **Habitar a Terra: qual o caminho para a fraternidade universal?** Petrópolis: Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2022.

BRASILEIRO, E. [org.]. **Realmar a economia: a economia de Francisco e Clara.** São Paulo, Paulus, 2023

DIAS, A. P. [et al]. **Dicionário de Agroecologia e Educação.** São Paulo: Expressão Popular : Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Caminhos para a cultura do bem viver** [recurso eletrônico]. Organização de Bruno Maia. Rio de Janeiro, Conexão, 2020.

_____. **A vida não é útil.** Pesquisa e organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTÍNEZ ALIER, J. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração.** Tradução de Maurício Waldman. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MBEMBE, A. **Necropolítica, biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Tradução de Renata Santini. 7^a reimpressão. São Paulo: n-1 edições, 2020.

VERÁ, J. **Nhemombaraete Reki Rã'i: fortalecendo a sabedoria.** Ilustrações do autor e tradução de Francisco Moreira Alves e Gerônimo Morinico Franco. Maquiné, RS, Riacho, 2021.